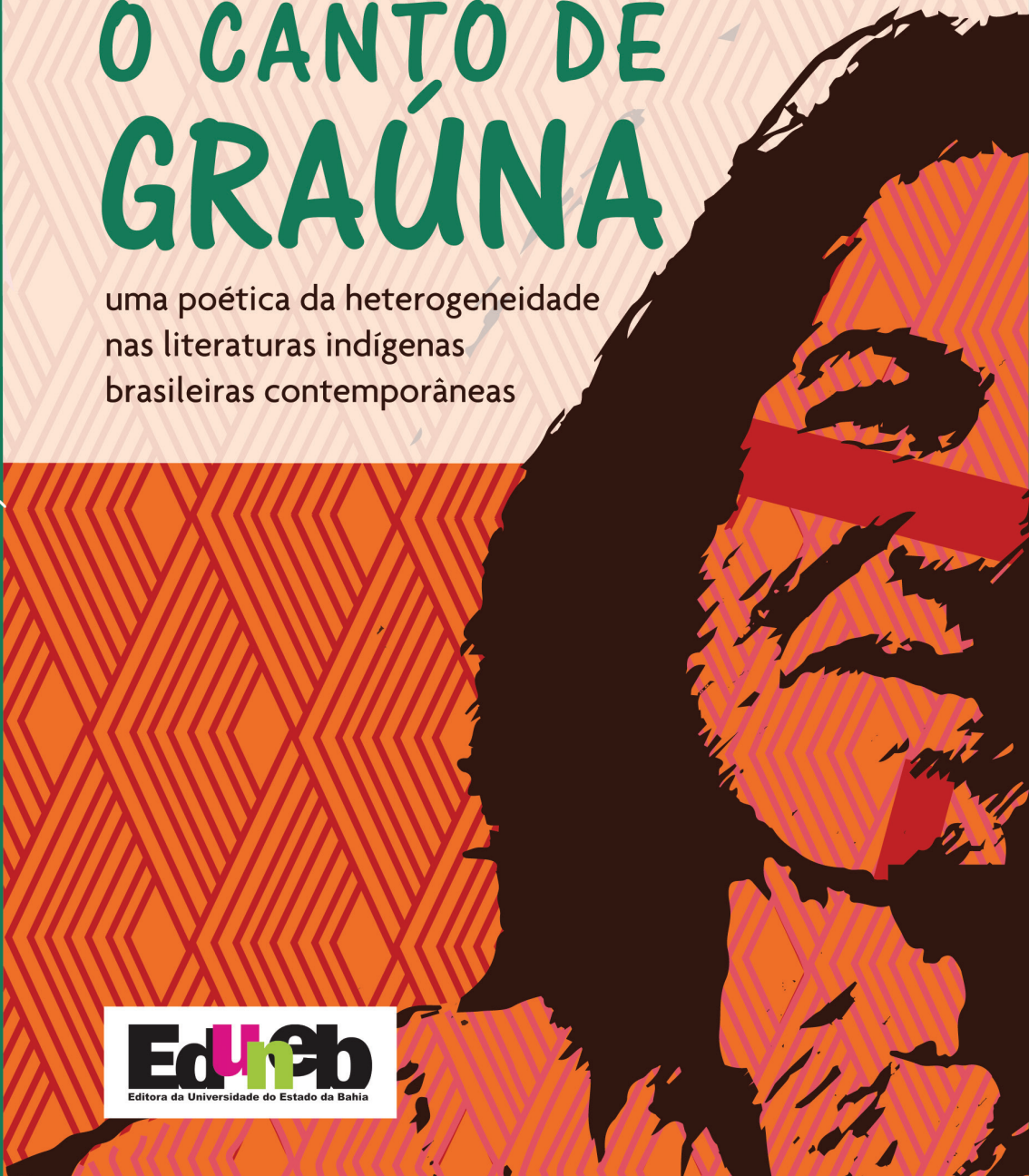
Randra Kevelyn Barbosa Barros

O CANTO DE GRAÚNA

uma poética da heterogeneidade nas literaturas indígenas brasileiras contemporâneas



EdUNEB
Editora da Universidade do Estado da Bahia

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Adriana Marmori Lima
Reitora

Dayse Lago de Miranda
Vice-Reitora

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Diretora
Sandra Regina Soares

Conselho Editorial

Titulares	**Suplentes**
Cláudio Alves de Amorim	Marluce Alves dos Santos
Maristela Casé Costa Cunha	Natan Silva Pereira
Rudval Souza da Silva	Mônica Beltrame
Reginaldo Conceição Cerqueira	Marcos Antonio Vanderlei
Nilson Roberto da Silva Gimenes	(Sem suplente)
Lícia Maria de Lima Barbosa	Carmélia Aparecida Silva Miranda
Agripino Souza Coelho	Jussara Fraga Portugal
Alan da Silva Sampaio	José Ricardo Moreno Pinho
Cesar Costa Vitorino	Leticia Telles Cruz
Rosemary Lapa de Oliveira	Baktalaia de Lis Andrade Leal
Monalisa dos Reis Aguiar Pereira	Neila Maria Oliveira Santana
Elizeu Clementino de Souza	Minervina Joseli Espínola Reis
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios	Marilde Queiroz Guedes
Simone Leal Souza Coité	Ana Lúcia Gomes da Silva

Randra Kevelyn Barbosa Barros

O CANTO DE GRAÚNA

uma poética da heterogeneidade nas literaturas indígenas brasileiras contemporâneas

Salvador
EDUNEB
2022

© 2022 Autora
Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil em 2022.

Coordenação Editorial
Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design
Sidney Silva

Revisão Textual e Normalização
Tikinet Edições Ltda

Diagramação e Capa
George Luís Cruz Silva

Revisão textual de prova
Denise Dias de Carvalho Sousa

Revisão de diagramação de prova
Rodrigo Caiobi Yamashita

Ficha Catalográfica
Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Barros, Randra Kevelyn Barbosa
O canto de Graúna: uma poética da heterogeneidade nas literaturas indígenas brasileiras contemporâneas/ Randra Kevelyn Barbosa Barros. – Salvador: Eduneb, 2022.

217 p.

ISBN 978 65 88211 40 3

1. Literatura Brasileira- Estudo. 2. Literatura indígena - Estudo. I. Graça Graúna.

CDD: 869.3

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB
Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula
41150-000 – Salvador – BA
editora@listas.uneb.br
portal.uneb.br

Esta Editora é filiada à

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

Para Tereza Nascimento Barbosa, minha avó (em memória), pela proteção e por iluminar os meus caminhos desde que nasci. Como a senhora gostava de plantar, saiba que esse livro é também sobre cultivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Raimunda Barbosa, minha mãe, por estar sempre ao meu lado. A Agenor Barros, meu pai (em memória), por ter incentivado os meus estudos. A Emília Keyla e Râneson Jonathan, meus irmãos, pela presença alegre em minha vida. A Akácia Victória, pelo companheirismo em todas as fases que vivencio, a sua amizade é um grande presente do Universo. A Josenéia Costa, por apoiar o meu crescimento intelectual e humano, a sua amizade me estimula constantemente a ser uma pessoa melhor em todos os campos da minha vida. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), pelo financiamento da investigação que deu origem a este livro. A profa. dra. Elizabeth Gonzaga de Lima, minha orientadora, pelo olhar cuidadoso e atento no processo de orientação desse estudo, sempre incentivando o aperfeiçoamento das reflexões críticas, sou grata pela atenção e pelo afeto. A profa. dra. Luciana Moreno, pelas importantes contribuições para a elaboração deste trabalho. A profa. dra. Ananda Machado, pela generosidade de compartilhar suas vivências e reflexões elaboradas a partir do diálogo direto com professores e comunidades indígenas em Roraima. A Graça Graúna, por ter me ensinado tanto com os seus poemas, que me guiaram por diferentes universos, a sua escrita é um inspirador exercício de liberdade.

De alma lavada
percorro os caminhos
A minha aldeia resiste.
(GRAÚNA, 2014, p. 11)

Escrever é nosso oxigênio,
ou escrevemos
ou morremos.
(MACUXI, 2018, p. 8, em memória)

Tessitura
Ser todo coração
enquanto houver poesia:
essa ponte entre mundos apartados.
(GRAÚNA, 2001, p. 31)

SUMÁRIO

PREFÁCIO **11**

INTRODUÇÃO: AS MÚLTIPLAS FACETAS LITERÁRIAS DE GRAÇA GRAÚNA **17**

A ESCRITA COMO CORPO-MEMÓRIA: AS PRODUÇÕES AUTORAIS INDÍGENAS **31**

A VISÃO DOS FILHOS DA TERRA SOBRE A PRÁTICA ESCRITURAL 33

ESTRATÉGIAS PARA PUBLICAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE TEXTOS 53

"SOU REMO, ARMA E MEMÓRIA": A VOZ DOS POVOS INDÍGENAS NA OBRA DE GRAÇA GRAÚNA **75**

RELEITURA DA HISTÓRIA SOB A PERSPECTIVA DOS FILHOS DA TERRA 77

IDENTIDADES E HIBRIDIZAÇÕES CULTURAIS 100

CULTURAS INDÍGENAS LIGADAS À MÃE TERRA 123

"GEOGRAFIA DO POEMA": DIÁLOGOS COM OUTRAS CULTURAS NA ESCRITA DA POETA **137**

A PRODUÇÃO DE HAICAIS LATINOS 139

CORPOEMA E A POESIA VISUAL 155

O OFÍCIO DE ESCREVER: COMPROMISSO SOCIAL COM OS EXCLUÍDOS 169

O CANTO HETEROGÊNEO DE GRAÚNA **189**

REFERÊNCIAS **199**

PREFÁCIO

Fui encantada pelo canto de Graúna ao ler em primeira mão a dissertação de Randra Barros, que revela as múltiplas faces da obra da poeta potiguara. Essa experiência ficará para sempre na minha memória e desde então vem ecoando em minhas aulas e escritos. Gratidão a essas duas mulheres maravilhosas por isso!

Conheci na mesma ocasião Graça Graúna e Randra Barros quando, chacoalhamos o maracá presencialmente, fato que, em tempos de isolamento social, merece ser ressaltado. Era a primeira vez que eu ia a um congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), em 2018, em Uberlândia-MG. Depois, soube que ali acontecia uma ação inédita de incluir um simpósio de literatura indígena e uma mesa na programação principal do evento com Graça Graúna e Ailton Krenak palestrando. Quando Randra Barros apresentou seu trabalho nesse congresso, considerei sua pesquisa interessantíssima e, desde então, nós, pesquisadores indígenas e estudiosos da área, mantivemos contato e nos reencontramos no congresso da Abralic presencial, em Brasília, em 2019, quando passamos então a ter literaturas indígenas em dois simpósios. Randra Barros colaborou conosco no curso virtual de extensão da Universidade Federal de Roraima, com o tema *Literaturas indígenas:* oralidades, línguas e escritas, e agora nos fez o belo convite de escrever este prefácio.

Quando li a dissertação de Randra Barros, algo novo chegou a mim: a ideia trazida por ela de uma "poética da heterogeneidade" por entre as poesias de Graúna, olhando tanto para a forma, como para o conteúdo. Quando li a expressão, cheguei a dizer que a autora estava criando um novo conceito. A pesquisadora faz referência a Antonio Cornejo Polar (2000), que usou "heterogeneidade" como categoria de análise da literatura latino-americana escrita por autores advindos de diferentes culturas. Randra Barros responde que "poética da heterogeneidade" seria apenas uma chave de leitura que a conduziu na reflexão sobre o trabalho de Graúna no conjunto de sua obra. Mas a associação dessas duas ideias, poética e heterogeneidade, em nossa visão, de fato inova as discussões e pode servir para analisar tantas outras obras e escritoras(es), indígenas ou não.

No texto de Randra Barros e na literatura indígena brasileira contemporânea, percebemos uma dose muito forte de ancestralidade. Encontramos nela especificidades culturais e linguísticas tomadas como parte desse caminho poético heterogêneo que faz, assim como outros autores indígenas, uma revisão da história indígena.

Segundo a análise de Randra Barros, Graça Graúna reconstrói sua identidade como intelectual indígena na cidade e afirma sua ancestralidade potiguara. Assim, no canto de Graúna há ao mesmo tempo melodia dos povos originários e contestação de uma ideia de pureza étnica e de um estilo limitado de escrita. Assim, Randra Barros analisa primorosamente esses espaços heterogêneos/poéticos criados por Graça Graúna em sua produção.

Entre os aspectos analisados neste livro está em destaque a ligação da vida e das palavras indígenas com a Mãe Terra. Randra Barros percebe as palavras de Graúna como um "corpo-memória" que constrói um "corpoema". Assim, o corpo da terra, da escritora

e suas palavras parecem ser um só, pulsando vida e arte. Esses conceitos: "corpo-memória" e "corpoema", assim como "poética da heterogeneidade", para além da literatura indígena, são interessantes às discussões de Literatura Comparada e podem ampliar o arsenal teórico-crítico na área.

Neste livro, há a percepção de que o ato de escrever de Graúna dialoga com outros sistemas culturais que são do interesse da escritora indígena, tal como o haicai, que tem origem japonesa e, nas palavras de Randra Barros e na autoria de Graúna, passam a ser "haicais latinos". Há assim, neste livro e nas poesias e análises de Graúna, uma fuga da visão estereotipada que tenta restringir a voz indígena. Graúna faz com seus textos na contemporaneidade seja um processo de desconstrução do que poderíamos esperar como clichê da autoria indígena.

Para além da forma com a qual costumeiramente são colocados/diagramados os textos nas publicações, Randra Barros enxerga a poesia visual de Graúna e suas reflexões metapoéticas, fazendo uma geografia de seus poemas, referenciando inclusive *Geografia do Poema* e encontrando, nas poesias como essa última e outras, diálogos com as culturas não indígenas.

Este livro inclui ainda uma revisão bibliográfica acerca das visões dos "filhos da terra" sobre os significados de suas práticas de escrita, ficando evidenciada a autonomia literária que vem sendo construída, assim como as estratégias de publicação individual, coletiva e as formas de circulação dos textos indígenas. Muitos autores os incluem na rede mundial de computadores, usam muitas tecnologias digitais, e cada vez mais se encontra uma considerável produção intelectual de indígenas nos espaços virtuais, que, durante a pandemia de covid-19, construíram verdadeiras "aldeias virtuais".

No *blog* "Art'palavra" desde 2007 e depois no site "Tecido de Vozes", Graúna republica seus poemas, que são textos editados em seus livros, inclui cartas que troca com seus pares, textos reflexivos, *links* interessantes como o da Associação dos Povos Indígenas do Rio Grande do Norte (APIRN), dentre outros materiais. Portanto, como bem observa Randra Barros, a produção poética de Graúna ultrapassa a prosa narrativa e os espaços frequentemente utilizados nos textos elaborados por escritores indígenas. E quem foi que disse que uma escritora indígena deve escrever apenas sobre sua cultura e apenas em um estilo literário?

A autora amplia a sua discussão ao abordar debates que não se relacionam com as sociedades indígenas. Ela ressalta ainda o compromisso da poeta com vários outros grupos excluídos para além dos povos indígenas. A partir do que escreveu Graúna: "sou remo, arma e memória", Randra Barros pontua que seu canto é heterogêneo, tem som e fluxo de um rio, é elemento de luta e de reconstrução identitária potiguara.

Graúna faz parte do movimento de literatura indígena contemporânea que expande esse campo, com sua produção crítica e criação literária. Graúna e tantos outros conquistaram espaços para disseminar suas vozes, mas ainda na atualidade muitas vezes tentam restringir as possibilidades desses sujeitos. Há publicações de Graúna com sua reflexão sobre o próprio fazer poético, mostrando em versos como ela entende o seu papel como poeta. E Randra Barros contribui com primazia para entender e ampliar essa visão, aumentando o número e a qualidade da literatura acadêmica e das análises dessas obras para que a literatura indígena venha em breve a ser um cânone reconhecido por mais pessoas e instituições na área de Letras.

A construção identitária de Graúna e de tantos outros escritores indígenas é marcada pela ausência de convívio com as comunidades aldeadas. A experiência diaspórica enfrentada por muitos indígenas fez com que entre eles a dinâmica transculturadora fomentasse relações diversas com os conhecimentos acadêmicos, com as artes contemporâneas e suas múltiplas linguagens: audiovisual, cinematográfica, musical e literária. Portanto, como bem percebe Randra Barros, Graça Graúna, na condição de mulher indígena, vivencia a transculturação e fortalece seu pertencimento vivendo na cidade e fazendo parte do universo acadêmico.

Graúna e outras lideranças indígenas promovem eventos autônomos que envolvem ou não parcerias com não indígenas, dentre eles: feiras de livros, encontros literários, curadorias artísticas, movimentos considerados por Denilson Baniwa e Randra Barros como "reantropofágicos", por utilizarem instrumentos e diferentes possibilidades das práticas artísticas para estarem em espaços de existências indígenas e de valorização de suas próprias indianidades em contexto urbano.

Os(as) escritores(as) indígenas, e neste livro também Randra Barros, com suas palavras, colocam em evidência suas próprias perspectivas sobre suas culturas, denunciando essa invisibilidade à qual foram submetidos.

Graúna considera-se, assim como fazem outros autores indígenas, agentes de sua produção, contribuindo para desconstruir os estereótipos frequentemente usados na representação literária elaborada pelo olhar alheio sobre a temática indígena. E Randra Barros acompanha esse movimento, sem destoar e nem desafinar o canto de Graúna.

A autora deste livro acompanha e sublinha o movimento de escritores indígenas que são protagonistas nesse ativismo poético heterogêneo literário. Este livro pode ser uma "ponte entre mundos apartados", uma vez que as escolas e universidades ainda desconhecem essa literatura e poética indígena que atravessa nossos corpos e almas.

Ananda Machado
Profa. dra. do Programa de Pós-Graduação em Letras
da Universidade Federal de Roraima (PPGL/UFRR).

INTRODUÇÃO: AS MÚLTIPLAS FACETAS LITERÁRIAS DE GRAÇA GRAÚNA

A prática escritural desenvolvida por indígenas mostra que esse registro literário é um instrumento relevante na busca pela autonomia em um processo no qual se tornar agente de sua produção contribui para desconstruir a objetificação e os estereótipos frequentes na representação elaborada pelo olhar alheio. Graça Graúna, autora de origem potiguara, se insere dentro desse movimento de protagonismo e ativismo literário. No entanto, a escritora foge do paradigma associado à literatura de autoria indígena no Brasil na medida em que também aborda discussões que não estão diretamente ligadas à sua identidade potiguara.

Levando em consideração a importância do trabalho artístico-literário da poeta, este livro procura investigar a obra poética de Graúna, divulgando a sua produção e analisando algumas discussões recorrentes em sua escrita no intuito de construir um estudo multifacetado acerca da criação literária da escritora. As reflexões aqui levantadas têm sua origem na pesquisa de mestrado, na qual examinamos o trabalho da autora em diálogo com o pensamento de intelectuais indígenas, noções da área da Literatura, Antropologia e outros diferentes campos do conhecimento.

A motivação para estudar produções autorais indígenas contemporâneas neste livro surgiu a partir da leitura e análise da obra *Meu querido canibal* (2014), de Antônio Torres. Até o momento do contato com a narrativa, ignorávamos completamente as culturas dos povos originários. Esse romance contesta a historiografia oficial que tanto apagou nomes importantes de lideranças indígenas que resistiram à invasão europeia, tal como Cunhambebe. Os documentos históricos também difundiram a ideia de que as culturas desses povos eram inferiores em virtude de não seguirem os parâmetros culturais dos colonizadores. *Meu querido canibal* é um livro comprometido em apresentar uma versão da história ocultada oficialmente, aquela que se refere à resistência dos povos originários. Entretanto, o romance é escrito a partir da visão de um autor não indígena (Antônio Torres). Pensando nisso e como são frequentes as práticas literárias orais nas comunidades, nos questionamos a respeito da existência de uma literatura escrita por esses sujeitos, o que mostraria um processo de autorrepresentação na autoria indígena contemporânea.

Para entender os caminhos de uma possível produção escrita, realizamos uma investigação virtual e encontramos alguns nomes de autores que escrevem para o público infantojuvenil[1]. Os escritores que trabalham nessa vertente, pelo que observamos, adaptam histórias orais, geralmente narradas dentro das comunidades, para o texto escrito, difundindo o universo sociocultural e cosmológico de diferentes nações. Entendendo que a diversidade de autores poderia se refletir no contexto literário, continuamos à procura de outras configurações dessa literatura, em outros gêneros.

[1] A expressão "infantojuvenil" por vezes aparece na ficha catalográfica dos livros de autoria indígena, sinalizando que o texto literário é direcionado para crianças e jovens, pois apresenta um universo cosmológico de seres encantados que atrai esse público.

Entre as investigações realizadas na internet, encontramos o nome de Graça Graúna, que em um primeiro momento nos interessou devido ao gênero com o qual a autora trabalhava: poesia. Em seu *blog*, pudemos ler seus poemas, que eram republicações de textos editados em seus livros. A autora se expressava de modo variado, desde poemas curtos a textos mais longos. As temáticas abordadas pela poeta também eram diversificadas, pois a escritora ampliava a sua discussão ao expor debates que não se relacionavam com as sociedades indígenas. A diferença que notávamos na produção heterogênea de Graúna, em relação aos autores indígenas que encontramos inicialmente no processo de pesquisa, despertou nossa atenção. Por esse motivo, buscamos adquirir a obra inteira da autora e um de seus livros, *Canto mestizo* (1999), foi a primeira produção física de autoria indígena que tivemos acesso.

Nosso interesse principal em analisar os textos de Graça Graúna se voltava para dois aspectos. Primeiro, era possível dialogar com uma discussão que até então ignorávamos: o olhar de uma indígena sobre sua identidade, história e cultura. Ao mesmo tempo, havia um processo de desconstrução do que poderíamos esperar da autoria indígena contemporânea examinando esses poemas, já que a autora se interessa por temáticas outras e mostra liberdade para expressá-las literariamente. Ou seja, essas leituras nos permitiam entender algumas reivindicações de indígenas vivendo em contexto urbano, ao mesmo tempo em que evitavam que a nossa compreensão recaísse em estereótipos, restringindo as múltiplas possibilidades de criação literária de um autor indígena.

A biografia da autora já demarca que sua construção identitária se elaborou na complexa negociação de estar entre a cultura de seu povo e os valores culturais não indígenas. Graça Graúna,

nome que revela a identidade indígena de Maria das Graças Ferreira, nasceu na cidade de São José do Campestre, no Rio Grande do Norte, em 1948. Filha do povo Potiguara,[2] Graúna é escritora e pesquisadora com produções científicas voltadas para a causa dos povos originários, especialmente autoria indígena. A escritora possui graduação, mestrado e doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco e leciona na Universidade de Pernambuco. Além disso, tem pós-doutorado em Literatura, Educação e Direitos Indígenas, pela Universidade Metodista de São Paulo.

A criação literária é uma forma de Graúna expressar a sua ancestralidade indígena. A autora possui seis livros de literatura publicados:[3] *Canto mestizo* (1999), *Tessituras da terra* (2001), *Tear da palavra* (2007), *Flor da mata* (2014), *Criaturas de Ñanderu* (2010a) e *Fios do tempo* (2021). Os quatro primeiros e o último são textos escritos em versos, enquanto a publicação de 2010 trata de uma narrativa com valorização da oralidade, história ancestral e cosmologia. *Criaturas* de Ñanderu (2010a) dialoga com o gênero que frequentemente é explorado por autores indígenas (prosa). No entanto, por trabalhar primordialmente com poema, a produção de Graúna não converge com a prosa narrativa frequentemente utilizada nos textos elaborados por esses escritores.

Por abordar diversas temáticas que se situam além de sua condição identitária, a construção literária da autora suscita

---

[2] Esse povo é conhecido como "comedores de camarão" (uma das traduções possíveis da denominação tupi *potiguara*). Falam hoje somente português, como grande parte das etnias indígenas situadas no Nordeste. Além disso, vivem nos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, e desenvolvem um importante projeto de reaprendizado da língua indígena, como uma forma de valorização da própria cultura (ISA, 2022).

[3] Em dezembro de 2021, Graça Graúna publicou o livro *Fios do Tempo*, pelas edições Baleia Cartonera. Como a pesquisa foi realizada entre os anos de 2018 e 2020, esta publicação em forma de haicais não foi inserida nas análises literárias.

questionamentos acerca das possibilidades de escrita de um autor indígena, pois é comum o pensamento de que um filho da terra poderia escrever apenas sobre a sua cultura. Embora Daniel Munduruku (2018a, p. 24) seja o indígena que mais possui obras literárias publicadas que tratam dessas culturas, o autor questiona os estereótipos associados a esta literatura: "[...] quando as pessoas acham que um indígena deve escrever só sobre cultura indígena, eu digo que isso é um equívoco. Porque não é possível que uma pessoa que gosta de escrever se prenda a um tipo de escrita, a uma temática". O escritor Munduruku defende a liberdade criativa na autoria indígena, a qual pode debater diferentes assuntos que não estejam associados à própria cultura.

O filho da terra "Pode escrever milhões de coisas. Infelizmente, as pessoas me convidam muitas vezes não como o intelectual que eu sei que sou, mas como índio. Elas querem ouvir o índio" (MUNDURUKU, 2018a, p. 24). Há, portanto, uma expectativa das pessoas, visto que até mesmo quando os indígenas conquistam espaços para disseminar as suas vozes, o público restringe as possibilidades desses sujeitos. As pessoas, como pontua Munduruku (2018a), não desejam ouvir acerca de sua produção intelectual, pois o interesse maior está no fato de escutar um Munduruku proferir palestras sobre sua posição social. Assim, buscam controlar o discurso que pode ser emitido pelos indígenas.

O público que deseja apenas "ouvir o índio" ampliará o seu olhar com a leitura da poesia de Graça Graúna, tal como ocorreu com a nossa visão no contato inicial com essa produção. Os livros da poeta, que não são extensos, interseccionam a discussão indígena com outras temáticas. O livro *Canto Mestizo*, editado em 1999 pela Editora Blocos, constitui a primeira publicação da autora em

formato de livro. Dedicado ao escritor guarani Kaká Werá Jecupé, o livro apresenta textos marcados pela pluralidade, tanto no plano do conteúdo (debate indígena, reflexão sobre os povos latino-americanos, discussão sobre o fazer poético, entre outros) quanto no plano estético (haicai, poesia visual). O título, que faz referência à palavra mestiço em espanhol (*mestizo*), já sugere a presença da hibridez que acompanha os textos da publicação.

Quanto a *Tessituras da terra* (2001), editado pela Mulheres Emergentes Edições Alternativas, destaca-se o uso da metalinguagem – procedimento caracterizado por sugerir no poema uma reflexão sobre o fazer poético, mostrando em versos como a autora entende o seu papel como poeta –, e a preocupação social da escritora que, além da discussão indígena, se solidariza com outros oprimidos. Publicado por essa mesma editora, *Tear da palavra* (2007) é uma coletânea de seis poemas inéditos e republicação de textos editados nos dois livros anteriores da autora. Na produção inédita, ressalta-se mais uma vez a reflexão acerca do exercício da escrita, tal como a diáspora vivenciada pelos povos originários.

Há também *Flor da mata* (2014), editado pela Penninha Edições (selo editorial da Mazza Edições) e escrito no formato haicai, que traz cenas flagradas da natureza e também ressalta a relação do indígena com a Mãe Terra; ademais, engloba poemas da primeira publicação da autora. Os livros são escritos em língua portuguesa, com vocábulos dos idiomas indígenas; notando-se, em alguns poemas, versos produzidos em espanhol e inglês. Com exceção de *Flor da mata* (2014), que ainda pode ser adquirido pelo site da Mazza Edições, as outras produções são difíceis de encontrar por terem sido editadas por pequenas editoras, logo, com uma circulação restrita no país.

Diante da diversidade encontrada nos trabalhos de poesia da autora potiguara, defendemos que Graça Graúna constrói uma "poética da heterogeneidade" e, assim, amplia as possibilidades enunciativas de um escritor indígena. A heterogeneidade é considerada uma importante categoria crítica para direcionar as reflexões empreendidas acerca da produção de Graúna. O crítico peruano Antonio Cornejo Polar (2000) formula esse conceito para analisar as literaturas latino-americanas e apontar os contrastes e os conflitos culturais que marcam os produtores desses textos e se inscrevem em suas obras. O autor explica que as produções heterogêneas "[...] se caracterizam pela duplicidade ou pluralidade de signos socioculturais do seu processo produtivo [...]" (CORNEJO POLAR, 2000, p. 162). Nesse sentido, o sujeito e o seu discurso literário são plurais, pois interagem com diferentes concepções culturais. Essa condição heterogênea está presente tanto nas vivências da poeta, como potiguara que está situada no contexto não indígena, quanto na sua escrita poética, por isso, acredita-se que a noção de heterogeneidade contribui de maneira expressiva para conduzir o estudo proposto neste livro. "Poética da heterogeneidade" se trata de uma noção que elaboramos para analisar a situação específica da produção poética de Graça Graúna, como uma chave de leitura principal que nos guia para refletirmos sobre o trabalho da autora no conjunto de sua obra.

Algumas das discussões mais recorrentes nos livros da poeta são examinadas a partir de dois eixos principais: o debate indígena (aproximação desses textos com as bandeiras de luta dos filhos da terra) e o diálogo com outras culturas (possibilidades múltiplas para a autoria indígena). Cada um desses eixos reúne poemas em chaves de leitura, sendo necessário lembrar que essa divisão é construída para fins analíticos, pois os textos podem apresentar mais

de uma temática. Além disso, as chaves de leitura escolhidas não esgotam todas as discussões abordadas pela autora.

Para integrar o primeiro eixo, selecionamos três debates que expõem o pertencimento identitário da autora: uma proposta de releitura da história; as identidades indígenas impactadas pelas mesclas culturais; e essas culturas ligadas à Mãe Terra. Na perspectiva de reinscrever os povos originários na história, a autora rememora termos usados pelos indígenas antes da colonização e assim contesta a ideia de que o país foi descoberto, além de visibilizar o sofrimento enfrentado pelos povos originários, que persiste na contemporaneidade. Elaboram-se, portanto, contradiscursos poéticos que mostram os olhares ignorados pela historiografia oficial. Nesse sentido, a proposta de Walter Benjamin (1985a) de que a história precisa ser escovada a contrapelo para que as vozes emudecidas possam ser desveladas é seguida pela autora no ato da escrita. Nessa prática, Graúna está em consonância com a ideia de Edson Kayapó (2013) de que os escritores indígenas frequentemente propõem um revisionismo histórico em suas produções.

Outro aspecto discutido pela poeta é o fato de as identidades indígenas se constituírem também como resultado das hibridizações culturais, que ocorrem tanto em relação ao dominador como na interação com os negros. Com isso, a ideia estereotipada de que os indígenas são sujeitos puros vivendo nas florestas e sem qualquer tipo de contato com a população externa às comunidades, um pensamento recorrente no imaginário da sociedade nacional, segundo Gersem Baniwa (2006), é desconstruída via produção literária. Na verdade, desde o início da colonização no continente americano, como explica Silviano Santiago (2000), o explorador almeja implantar na América Latina um sistema de unidade e pureza no sentido

de imposição dos valores europeus de maneira universal, porém, no contato com as culturas indígenas, surgem essas mesclas culturais que provocam tensões e oposições ao projeto colonial. Com isso, os contrastes que envolvem a constituição das identidades indígenas em interação com outras sociedades são evidenciados pela escritora.

A relação que os povos originários estabelecem com a Mãe Terra é discutida nos textos da escritora na perspectiva de os indígenas tanto integrarem a natureza quanto manterem um diálogo profundo com os outros seres vivos que habitam o planeta. Aqui cabe uma explicação relevante. Um dos maiores desafios encontrados no estudo das produções literárias indígenas contemporâneas se refere ao fato de que a diversidade cultural dos povos originários é muito grande e a proposta deste livro se circunscreve a tecer um diálogo maior com uma parcela de autores situados atualmente em contexto urbano. Por isso, suas construções identitárias ocorrem de forma distinta dos sujeitos que vivenciam o cotidiano das aldeias. Tendo isso em vista, precisamos tanto relativizar as discussões – as quais podem não se aplicar de maneira geral aos escritores indígenas – quanto ser cuidadosos ao abordar um referencial do campo da Antropologia, o qual foi concebido a partir de um trabalho realizado junto às comunidades tradicionais.[4]

Levando em consideração a existência de textos poéticos que apontam uma relação da voz que escreve com a natureza, discutida pela autora como Mãe Terra, recorreremos às discussões de Ailton Krenak (2019) e Eduardo Viveiros de Castro (2015) para análises

[4] Segundo o site da Secretaria Especial de Desenvolvimento Social (2022), o termo "povos e comunidades tradicionais" refere-se a "grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social [...]". A expressão abrange diversos povos, tais como indígenas, quilombolas e ribeirinhos, porém, neste livro o termo será adotado para se referir especificamente aos povos originários.

voltadas a essa temática. O debate desses autores contribui para as análises literárias, por isso serão citados nesta discussão. Segundo Krenak (2019), é comum os indígenas apresentarem a concepção de que a humanidade não é constituída apenas por pessoas humanas, mas se estende a diversas formas de existência que também vivem na Terra. Diante disso, como explica Castro (2015), nessa compreensão, a condição humana é compartilhada por todos os seres. Há poemas da autora que abordam essa conexão dos indígenas à natureza e aos demais seres que existem no Universo.

Graça Graúna almeja dialogar também com outros sistemas culturais em sua escrita, os quais constituem o segundo eixo analítico, a começar por uma forma poética de origem japonesa, em uma filiação que é evidenciada quando a autora afirma estar produzindo haicais. Essa composição estética surge como produto de outros gêneros praticados na literatura nipônica, como explica Paulo Franchetti (2012b). No entanto, a partir do trabalho do monge Matsuo Bashô, o haicai é associado a uma prática budista zen e busca fotografar um momento na natureza para expressá-lo de maneira concisa em apenas três versos e sem título, tal como assinala Paulo Leminski (1986). Essa técnica é usada pela poeta de diferentes maneiras, tais como para emitir um canto potiguara (algo que será evidenciado nas discussões sobre releitura da história e a ligação dos indígenas à Mãe Terra); refletir acerca do próprio fazer poético e flagrar cenas da natureza.

Assim como utiliza uma técnica oriental para compor os seus versos, a poeta também interage com uma poética frequentemente trabalhada pela sociedade dominante: a poesia visual realizada com o uso da escrita alfabética. Essa proposta sugere construir imagens no poema e assim combinar linguagem verbal e não verbal, como

ressaltam Henrique Xavier (2002) e José Bacelar (2001). Ao elaborar um corpoema, Graúna propõe uma releitura dessa poesia a partir do olhar potiguara, tanto explorando a metalinguagem quanto levantando uma denúncia social.

Ademais, torna-se necessário examinar textos em que a poeta reflete sobre o ofício de escrever e demonstra um compromisso social de sua poesia com grupos excluídos, tais como os latino-americanos e as pessoas em situação de rua. Dessa forma, ao trazer esses universos plurais para a sua criação literária, a poeta expõe o desejo de se expressar por meio de estéticas literárias de sociedades diferentes, oriental ou dominante, e refletir sobre a função do seu trabalho criativo poético, ligado à solidariedade com os oprimidos.

É importante refletir sobre as terminologias empregadas para se referir aos povos indígenas, especialmente a adequação dos termos "índios", "indígenas", "povos originários" e "filhos da terra". Como aponta Baniwa (2006), "índio" foi uma denominação que Cristóvão Colombo atribuiu aos povos do continente americano ao pensar ter chegado às Índias. No entanto, vale destacar que:

> Cada 'índio' pertence a um povo, a uma etnia identificada por uma denominação própria, ou seja, a autodenominação, como o Guarani, o Yanomami etc. Mas também muitos povos recebem nomes vindos de outros povos, como se fosse um apelido, geralmente expressando a característica principal. (BANIWA, 2006, p. 30).

Diante disso, de certa forma, a categoria "índio" generaliza e encobre as denominações próprias de cada povo, por isso é um termo inadequado. Para Munduruku (2018a, p. 27), "[...] ser índio é não ser nada, ser Munduruku é pertencer a um povo, e esse povo

tem história, tem tradição, tem ritual, tem crença, tem uma relação com a natureza toda própria, tem uma educação, tem uma economia". Por este motivo, identificaremos a etnia de cada indígena com o qual será estabelecido diálogo.

No caso de se referir a esses povos no conjunto, optamos pelas expressões "indígenas", "originários" e "filhos da terra". As duas primeiras são palavras adotadas com frequência por pessoas que pertencem a essas nações e acreditam que são terminologias que sinalizam o fato de descenderem dos primeiros habitantes do atual território brasileiro. Assim, "[...] o termo indígena significa 'aquele que pertence ao lugar', 'originário', 'original do lugar'. Pode-se notar, assim, que é muito mais interessante reportar-se a alguém que vem de um povo ancestral pelo termo indígena que índio" (MUNDURUKU, 2019, p. 51). Já o uso de "filhos da terra" deve-se ao fato de ser uma denominação que Graúna utiliza em seus textos poéticos e assinala a importância da relação com o território para muitas dessas pessoas.

O livro encontra-se dividido em três partes. Em *A escrita como corpo-memória: as produções autorais indígenas*, discute-se a visão dos filhos da terra acerca da importância de esses sujeitos, que são imersos em culturas orais, se apropriarem de um fazer literário escrito para usá-lo como instrumento de luta e de resistência. Principalmente para os indígenas urbanos, é preciso se reconstruir identitariamente no ato da escrita, ao fortalecer uma conexão com suas origens indígenas, uma vez que são constituídos por identidades de diáspora (HALL, 1996) e experimentaram o processo de se deslocarem de suas comunidades ou já terem nascido nas cidades (GRAÚNA, 2013). Como propõe Gustavo Caboco (2018), mesmo em movimento, os corpos indígenas contemporâneos são corpo-memória, já que carregam elementos das culturas tradicionais.

Ao escreverem, os indígenas inscrevem esse corpo-memória nas suas produções. Ademais, examina-se como os indígenas propõem iniciativas para poderem publicar e fazer circular os seus textos, que correspondem ao uso dos espaços virtuais e a estratégias para se infiltrarem em um mercado editorial hegemônico.

A seção *"Sou remo, arma e memória": a voz dos povos indígenas na obra de Graça Graúna* aborda a maneira como a poeta trabalha a sua memória ancestral ligada às culturas indígenas em uma perspectiva de demarcar no texto a sua posição social como potiguara. Para tanto, três núcleos temáticos recorrentes nos livros são analisados: releitura da história que visibiliza o olhar dos indígenas acerca dos fatos registrados na historiografia oficial; identidades indígenas influenciadas pelas misturas com outras sociedades, o que questiona a ideia de pureza atribuída a esses sujeitos; Terra personificada como uma Mãe que fortalece os povos originários e a quem os indígenas demonstram gratidão ao respeitarem as diversas formas de vida existentes no planeta. Portanto, essa reflexão volta-se para a leitura de textos da poeta que sinalizam o seu pertencimento às sociedades indígenas.

Em *"Geografia do poema": diálogos com outras culturas na escrita da poeta*, aponta-se que Graúna escreve para também se conectar com universos outros, para além da sua condição identitária e, assim, tanto alarga as possibilidades enunciativas de um autor indígena como surpreende a expectativa dos leitores que "querem ouvir o índio" (MUNDURUKU, 2018a, p. 24) de maneira estrita. Nesse ponto, estudam-se poemas formulados a partir de uma forma estética oriental, o haicai, e de um projeto que explora o texto em sua dimensão não verbal, a poesia visual. Com isso, evidenciam-se as releituras que a autora elabora dessas técnicas poéticas. Além disso,

serão apresentadas as produções que expõem um elemento muito recorrente nessa obra: a metalinguagem. Frequentemente, nas reflexões que constrói acerca de seu próprio ofício de escrever, Graúna demonstra a sua preocupação com o engajamento social, se solidarizando com outros subalternizados. Assim, são reveladas suas facetas que evidenciam seus variados interesses e estabelecem diálogos com outras culturas.

Dessa maneira, este livro aborda a produção de autoria indígena sob uma análise que mostra as múltiplas possibilidades de escrita construídas por uma autora potiguara, questionando assim os estereótipos que possam ser atribuídos à sua obra. Analisar a poética de Graça Graúna e identificar a heterogeneidade como uma característica que permeia a sua produção – ao trazer diferentes sistemas culturais e temas que se interseccionam no plano de sua escrita –, contribui para evidenciar como os indígenas buscam difundir as suas vozes de maneira ampla, sem restrições ao que pode ser produzido por esses sujeitos. Portanto, o debate analítico-crítico aponta tanto a importância de os indígenas utilizarem a escrita como um instrumento de reconstrução de suas próprias identidades para contestar os preconceitos atribuídos às suas culturas, quanto a relevância de apresentarem em sua escrita possibilidades outras de discussão que se opõem ao cerceamento de suas vozes, como se examina na poética da heterogeneidade de Graça Graúna.